

OS ESTEREÓTIPOS VEICULADOS PELAS PIADAS DE JOÃOZINHO

Fernanda Góes de OLIVEIRA ÁVILA
(Orientador): Prof. Dr. Sírio Possenti

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo analisar brevemente os estereótipos veiculados pelas “piadas de Joãozinho”. Com base na perspectiva francesa de análise do discurso, pretendemos observar, sobretudo, que ideologias são veiculadas por meio dessas piadas, quais são suas condições de produção e como se dá a representação identitária através dos estereótipos relacionados ao personagem. Além disso, devido ao fato dessas piadas veicularem discursos sexuais, serão discutidas e levantadas hipóteses sobre o porquê de esses discursos falarem o que falam e serem mais freqüentemente relacionados aos meninos do que não às meninas.

Palavras-chaves: Análise do Discurso - piadas – estereótipos – Joãozinho

Introdução

A importância de estudar o humor do ponto de vista lingüístico foi observada, por exemplo, por Possenti¹ (1998). O autor destaca que os textos humorísticos são uma verdadeira mina para os lingüistas, pois, além de podermos discutir através deles sintaxe, morfologia, fonologia, regras de conversação, inferências, pressuposições etc., podemos encontrar neles um excelente *corpus* para reconhecermos diversas manifestações culturais e ideológicas, pois só há piadas sobre temas socialmente controversos; eles são fonte para analisarmos as “representações”, pois operam fortemente com estereótipos; e porque são quase sempre veículos de um discurso subterrâneo, reprimido e que não são explicitados correntemente em qualquer ambiente.

O presente trabalho, dessa forma, tem como objetivo observar os estereótipos veiculados pelas piadas de Joãozinho. Embora o trabalho seja sobre piadas de crianças, não estarei me referindo no caso ao humor produzido por crianças ou do qual elas sejam o tema, embora ambas as possibilidades existam. O que será considerado é o discurso humorístico que tem a criança como personagem principal.

¹ Sírio Possenti é professor do Departamento de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp. O autor estuda piadas há alguns anos e já publicou livros e artigos sobre o tema. A relevância do seu trabalho na área é indiscutível, portanto, suas obras serão freqüentemente citadas neste projeto para corroborar as idéias aqui apresentadas.

Análise

As piadas são veículos de discursos reprimidos e que possuem lugares de circulação específicos e restritos, tais como bares, determinados livros, revistas, sites, roda de amigos etc. Nas piadas, aquilo que é inaceitável e proibido dizer em certas circunstâncias encontra espaço para ser enunciado direta ou indiretamente, de forma subentendida, implícita. Exemplos desses discursos “censurados” são aqueles que falam que as sogras são chatas, as loiras são burras, os casamentos são por interesse. No caso específico das piadas de Joãozinho, o discurso corrente é de que os meninos são maus alunos e só pensam em sexo.

O que permite que estes discursos possam circular entre nós é que, de maneira geral, as piadas não indicam seus autores, já que um aspecto fundamental da análise do discurso é a questão do sujeito-autor do discurso: ser autor de um discurso implica a responsabilidade pelo que se diz. No caso das piadas, elas são enunciadas anonimamente: “sabe da última?” ou “vou contar uma piada...”. Esta atitude é uma das razões que fazem com que o sujeito que anuncia estar contando uma piada se coloque em uma posição de poder dizer o que, eventualmente, estaria proibido em outra situação discursiva. Estabelece-se um acordo entre os interlocutores: há uma espécie de contrato social que autoriza a veiculação de conceitos e preconceitos nas piadas sem haver represália àquele que as enuncia. Sendo assim, ninguém é condenado por contar piadas sexistas, racistas ou qualquer outra que revele preconceitos, da mesma forma que não é condenado quem se diverte com elas. Mesmo assim, em muitos casos, a responsabilidade de quem produz a piada é atribuída a quem não pode ser responsabilizado: a criança, o louco, o gato, o papagaio... “Tais personagens, no dia-a-dia, nas rodinhas de piadas, ou nos livros que as colecionam, dizem os discursos que muitos de nós gostaríamos de dizer em nosso próprio nome, não houvesse as regras que os e nos controlam”².

De acordo com Possenti (1998), nas piadas que têm uma criança como personagem principal, os tipos de discursos veiculados são: a destruição da hipótese da ignorância sobre temas secretos ou tabus, ou seja, as crianças conhecem o que julgamos que desconheçam ou fazem o que supomos que não façam, e violam as regras do discurso, isto é, as crianças dizem o que não deveriam dizer.

- Você gosta da nova babá, Juquinha?

- Odeio. Eu queria agarrar e morder o pescoço dela, igual o pai faz

² POSSENTI, S. (1998). *Os Humores da Língua*. Campinas, Mercado das Letras, pp. 142.

- No jardim de infância, um menino confia a outro:
- Ontem eu encontrei uma camisinha no pátio.
- E o outro perguntou:
- O que é pátio?

- Manhê! Anjo avoa?
- Claro que voa.
- E a nossa empregada, por que não avoa?
- E por que ela haveria de voar?
- Ora! O pai chama ela o tempo todo de “meu anjo”. . .

No entanto, nas piadas que têm a criança como personagem, por exemplo, elas são perdoadas se não forem gentis com os outros, se forem mal educadas, ou seja, as regras sociais são burladas sem haver recriminação, “porque de certa maneira de fato não as violam, visto que ainda não as conhecem”³. Vejamos o exemplo:

A visita está saindo. A mãe pergunta ao filho:

- Joãozinho, o que devemos dizer quando as visitas vão embora?
- Graças a Deus!

- Joãozinho - argumentava a professora - Suponha que somos convidados para almoçar na casa de um Amigo. Acabado o almoço, o que devemos dizer?
- Cadê a sobremesa?

Além dessas possibilidades levantadas por Possenti, acredito que existe a de que as crianças repetem o que escutam de seus pais sem saberem realmente o que isso. Muitas vezes seus discursos causam situações embaraçosas para quem que as escuta e mais ainda para aquele que tem suas falas repetidas em momentos inoportunos e para pessoas estranhas.

A professora pede para os alunos trazerem na próxima aula coisas de chupar. No dia seguinte ela pergunta a Aninha que responde:

- Pirulito, professora.

E a professora responde

- Muito bem Aninha, pirulito é de chupar.

A professora faz a mesma pergunta para Marquinhos. E ele responde:

- Sorvete, professora.

- Muito bem marquinhos, sorvete é de chupar.

E finalmente faz a mesma pergunta para o Joãozinho, o capetinha da escola, e ele responde:

- Cueca, professora.

E a professora indignada, diz:

- O que é isso, Joãozinho? Cueca não é de chupar.

E Joãozinho bravo retruca:

³ Idem, *Os Humores da Língua*. Campinas, Mercado das Letras, pp. 144.

- Claro que é! Ontem mesmo eu ouvi minha mãe dizer para o meu pai: “Tira a cueca que eu quero chupar!”.

No meio da aula de Geografia, o Joãozinho chega para a professora e pergunta:

- Professora! Lâmpada é boa de chupar?

- Que é isso Joãozinho? Imagina! Quem que te falou uma coisa dessas?

- Meu pai! Ontem eu passei na frente do quarto dele e ouvi ele dizer para minha mãe: Agora, apaga a luz e chupa!

As piadas de Joãozinho servem como bons exemplos para provar esses tipos de discurso veiculados pelas piadas de criança acima citados: Joãozinho conhece muito bem temas exclusivos de adultos (principalmente sexuais), faz coisas que uma criança da sua idade não faria ou que supomos que não faça, diz coisas que os adultos gostariam de dizer e revela segredos que não poderiam ser desvendados. Esses discursos atribuídos ao personagem só são possíveis porque incorporam imagens coletivas resultante de falsas generalizações que circulam na sociedade sobre meninos. Segundo Pierrot e Amossy (2001), essas imagens coletivas são denominadas estereótipos. Estereótipos são imagens cristalizadas e rígidas. São esquemas culturais preexistentes, em que um traço peculiar de um tipo conhecido é eleito e o restante é completado por meio de representações que expressam o imaginário social. “En la habla común, un ‘estereotipo’ es una idea convencional (frecuentemente peyorativa, y de una inexactitud a veces extravagante) sobre la apariencia, las acciones, o la naturaleza de un X”⁴. São por esses motivos, segundo Possenti (1998), as piadas fazem uso de estereótipos:

As piadas funcionam em grande parte na base de estereótipos, seja porque veiculam mesmo uma visão simplificada dos problemas, seja porque assim elas se tornam mais facilmente compreensíveis para interlocutores não especializados. Apenas para exemplificar, nas piadas, judeu só pensa em dinheiro, mulher inglesa é fria, português é burro, gaúcho é efeminado, japonês tem pênis pequeno, nordestino/brasileiro é mais potente do que qualquer gringo grandalhão, marido é traído e esposa é infiel, brasileiro/mineiro é o mais esperto etc. (p.26).

Para Pierrot e Amossy, essas construções imaginárias são favorecidas pelos meios de comunicação, pela imprensa e pela literatura de massa, pois tornam as características do grupo estereotipado como algo inerente a ele e, além disso, fazendo com que seu comportamento reflita o que esperam que façam: suas ações e seus modos de ser são pré-determinados. Todavia, as autoras afirmam que, embora o estereótipo esquematize e categorize, esses artifícios são indispensáveis para a cognição, ainda quando conduzem a uma simplificação e uma generalização às vezes exagerada. Pois necessitamos relacionar aquilo que

⁴ PUTNAM (1985) Apud PIERROT, A.H. e AMOSSY, R. (2001). *Estereotipos y Clichés*, Buenos Aires, Eudeba.

vemos a modelos preexistentes para podermos compreender o mundo, realizar previsões e regular nossas condutas.

No caso das piadas de Joãozinho, o personagem é a representação do estereótipo relacionado aos meninos. As imagens que circulam sobre eles são: não têm educação, são indisciplinados, preguiçosos e só pensam em sexo. Joãozinho é uma criança de aproximadamente 10 anos que faz perguntas ou comentários que provocam espanto nos adultos, é muito mal-educado, seu desempenho escolar é precário e quase todas as suas falas são maliciosas e referem-se a temas sexuais. Ele é um exagero do estereótipo, típico do humor. Vejamos exemplos:

Durante a aula de boas maneiras, a professora diz:

- Zezinho, se você estivesse namorando uma moça fina e educada, e durante o jantar precisasse ir ao banheiro, o que diria?
- Segura as pontas aí que eu vou dar uma mijadinha.
- Isso seria uma grosseria, uma completa falta de educação! Juquinha, como você diria?
- Me desculpa, preciso ir ao banheiro, mas já volto.
- Melhor, mas é desagradável mencionar o banheiro durante as refeições.
- E você, Joãozinho, seria capaz de usar sua inteligência para, ao menos uma vez, mostrar boas maneiras?
- Claro, eu diria: "Minha prezada senhorita, peço licença para ausentar-me por um momento, pois vou estender a mão a um grande amigo que pretendo lhe apresentar depois do jantar".

Na aula de Ciências, a professora diz:

- Anotem a lição de casa, crianças. Vocês vão ter que pesquisar o habitat natural das 70 espécies de animais que estão na página 23, também vão ter que dizer qual o país de origem de cada animal, quais seus predadores, suas presas, seus costumes e fazer uma redação sobre cada um.
- No dia seguinte, a professora pergunta: - Martinha, o que dão as ovelhas?
- Lã, professora.
 - Muito bem! Pedrinho, o que dão as galinhas?
 - Ovos, professora!
 - Parabéns! Joãozinho, o que dão as vacas?
 - Lição de casa!

Outro aspecto relacionado ao estereótipo, de acordo com Coulthard (1991), refere-se ao falante. Conforme o autor, “um/a falante ‘revela’ muito sobre si mesmo/a no momento em que abre a boca – estamos acostumados/as a fazer inferências a respeito de um/a falante, baseando-nos em sua linguagem” (p. 15). No entanto, é extremamente relevante perguntar por que, nas piadas de Joãozinho, colocam-se em questão os pensamentos libidinosos dos meninos e sua falta de competência escolar: por que exatamente esses dois aspectos (ou ambos) são temas das piadas e não outros? Com relação ao discurso sexual presente nas piadas de Joãozinho, é fundamental estabelecermos porque nas piadas que têm crianças como personagem elas falam de sexo, como falam de sexo, onde falam de sexo. Com relação a essa questão, Foucault (1977) aponta:

(...) o ponto essencial (pelo menos, em primeira instância) não é tanto saber o que dizer ao sexo, sim ou não, se formular-lhe interdições ou permissões, afirmar sua importância ou negar seus efeitos, se policiar ou não as palavras empregadas para designá-lo; mas levar em consideração o fato de se falar de sexo, quem fala, os lugares e os pontos de vista de que se difundem o que nele se diz, em suma, o “fato discursivo” global, a “colocação do sexo em discurso”. Daí decorre também o fato de que o ponto importante será saber sob que formas, através de quais canais, fluindo através de que discursos o poder consegue chegar às mais tênues e mais individuais condutas (...). Daí, enfim, o fato de o ponto importante não ser determinar se essas produções discursivas e esses efeitos de poder levam a formular a verdade do sexo ou, ao contrário, mas revelar a “vontade de saber” que lhe serve ao mesmo tempo de suporte e instrumento. (p.16)

Uma hipótese é de que, se as piadas de Joãozinho existem e falam de sexo, é porque os meninos “reais” também abordam esses temas ou agem de maneira similar. Dessa forma, as piadas recolhem esses discursos e as representações desse grupo e os colocam em circulação e de maneira na maioria das vezes exagerada.

Outra teoria é que as piadas são autorizadas a tratarem desse tema, pois falam de sexo através de uma máscara de inocência, através de uma criança. Esses discursos são autorizados a circularem livremente ao nosso redor, em qualquer lugar e em qualquer circunstância, já que são proferidos através de crianças, pois sabemos que elas não possuem qualquer *arrière pensée* em mente (FREUD, 1905) e, como já foi dito anteriormente, elas são perdoadas se burlarem as regras sociais, “porque de certa maneira de fato não as violam, visto que ainda não as conhecem”⁵. No entanto, trata-se de uma *ingenuidade enganadora* (FREUD, 1905) na medida em que sabemos que é uma voz social que fala através de Joãozinho, ou seja, ele é um personagem criado para pôr em circulação discursos reprimidos. Assim, podemos afirmar que quem conta/produz essas piadas finge-se ingênuo para poder gozar de uma liberdade que, se a inocência não existisse, não lhe seria dada.

O professor de ciências explica o fenômeno da circulação sanguínea:

- Se eu ficar de cabeça para baixo, todo o sangue vai descer para minha cabeça e meu rosto vai ficar vermelho, não é mesmo?
- Sim, professor! - concorda a classe.
- Agora, alguém sabe me dizer por que é que os meus pés não ficam vermelhos quando estão no chão?
- Eu sei, professor - diz Joãozinho, levantando-se - é porque os seus pés não são vazios.

Outra hipótese para explicar porque os discursos de Joãozinho falam de sexo é uma vontade de “transgressão deliberada”. Acreditamos que essa

⁵ Idem, *Os Humores da Língua*. Campinas, Mercado das Letras, pp. 144.

vontade de “transgressão” pode justificar o surgimento das piadas que têm como tema a sexualidade:

“Se o sexo é reprimido, isto é, fadado à proibição, à inexistência e ao mutismo, o simples fato de falar dele e de sua repressão possui um ar de transgressão deliberada. Quem emprega essa linguagem coloca-se, até certo ponto, fora do alcance do poder; desordena a lei; antecipa, por menos que seja, a liberdade futura.” (FOUCAULT, 1977:12)

O que quer dizer que, se os discursos da sexualidade sofrem restrições/repressões e são condenados ao confinamento no seio da família, quando considerado legítimo, ou em outros espaços, no caso das “sexualidades ilegítimas”, tais como no prostíbulo, consultório médico, divã do psicanalista, colocar esses discursos em circulação fora desses meios é uma forma de burlar a “interdição, a inexistência e o mutismo” ao qual está condenado. Uma das formas de transgredir essas leis impostas, de colocar esses temas em circulação, de desafiar a ordem estabelecida e buscar uma liberdade é através das piadas.

Quanto ao discurso sexual ser relacionado mais frequentemente aos meninos e não às meninas, acredito que haja um razão histórico-social para isso: vivemos em um mundo machista e, sendo assim, as mulheres não devem mostrar que conhecem determinados temas relacionados ao sexo e, por conseguinte, que têm experiência no assunto, pois, se o fizerem, sofrerão retaliação, e poderão ser taxadas de vagabundas, devassas etc., ou seja, há um controle sobre a sexualidade das mulheres. Ao contrário, os homens devem mostrar que conhecem o tema, pois se não o fizerem são taxados de gays. Sendo assim, podemos concluir que, se as piadas recolhem os discursos correntes na sociedade, elas não teriam material suficiente para trabalhar com o discurso sexual das mulheres, uma vez que seus discursos são reprimidos. Já ao recolherem os discursos masculinos, podem encontrar um vasto material.

Conclusão:

A nossa proposta, neste artigo, procurou adequar-se a uma das tarefas da Análise do Discurso, aquela que revela um conjunto de procedimentos que objetivam responder a uma série de perguntas (do que se fala nas piadas de Joãozinho? a partir de onde se fala? por que se fala disso e não de outra coisa?), buscando sempre observar quais são os estereótipos relacionados ao personagem e, por conseguinte, aos meninos: quais são as imagens coletivas que circulam sobre este grupo.

Embora sem maiores problematizações, outro aspecto que procuramos evidenciar nas piadas refere-se ao anonimato: as piadas não trazem a

identificação de seus autores, Dessa forma, podem circular em diferentes meios e sem maiores restrições. Seu caráter anônimo talvez se justifique pelo fato de que os discursos por elas veiculados tratam geralmente de temas socialmente controversos e polêmicos. Circulando anonimamente, as piadas burlam as restrições impostas aos discursos e, esta característica, permite que os discursos humorísticos veiculem conceitos e preconceitos socialmente arraigados. Além dessa forma, para desfiar a ordem estabelecida, veiculam-se esses discursos a quem não pode ser responsabilizado, por exemplo, a crianças. No entanto, mesmo sob uma “capa” de inocência, as piadas continuam falando o que falam. Portanto, sob o simulacro de vozes anônimas, vozes das crianças, dos loucos, dos animais, as piadas adquirem um “poder dizer”, revelando uma “vontade de saber”, uma vontade de “transgressão deliberada”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- COULTHARD, M. (1991) *Linguagem e sexo*. São Paulo: Ática.
- FOUCAULT, M. (1977) *História de Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- FREUD, S. (1905). *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Rio de Janeiro, Imago.
- PIERROT, A.H. e AMOSSY, R. (2001). *Estereotipos y Clichés*, Buenos Aires, Eudeba.
- POSSENTI, S. (1998) *Os humores da língua: análise lingüística de piadas*. São Paulo: Mercado de Letras.
- ____ (2002). *Os limites do discurso*. Curitiba: Criar.